

As narrativas verticais e suas contribuições para o futuro do jornalismo digital¹

Deise Ribeiro CARVALHO²

Resumo

O estudo tece considerações acerca do Jornalismo Digital, analisando as narrativas verticais que têm surgido nos últimos anos na imprensa internacional, especificamente a modalidade Snowfall (nevasca), criada pelo The New York Times. Busca-se compreender se o surgimento desse gênero no Brasil pode contribuir para o desenvolvimento de novas narrativas informacionais na esfera digital que ampliem a percepção dos fatos transmitidos. Através de uma pesquisa bibliográfica e de uma análise descritiva de textos produzidos pela Folha On Line e o portal G1, pretende-se identificar a exploração de recursos multimídia como áudio, vídeo, slide show, infografias e animações, no propósito de demonstrar que é possível agregar diferentes elementos ao ato de narrar histórias cotidianas.

Palavra-Chave: Narrativas jornalísticas. Narrativa vertical. Jornalismo digital. Snowfall. Folha Online. Portal G1.

Abstract

The study presents considerations about Digital Journalism, analyzing vertical narratives that have emerged in recent years in the international press, specifically Snowfall (blizzard) modality, created by The New York Times. We seek to understand the emergence of this kind in Brazil can contribute to the development of new informational narratives in the digital sphere to enhance the perception of the facts transmitted. Through a literature review and a descriptive analysis of texts produced by Folha On Line and G1 portal, aims to identify the exploration of multimedia features such as audio, video, slide show, infographics and animations in order to show that it is possible add different elements to the act of telling everyday stories.

Palavra-Chave: Narrativas jornalísticas. Narrativa vertical. Jornalismo digital. Snowfall. Folha Online. Portal G1.

¹ Investigação em andamento referente à monografia de conclusão de curso em Comunicação Social.

² Graduanda em Comunicação Social pela Universidade Estadual da Paraíba (UEPB). E-mail: deeeysel46@gmail.com

Introdução

Assim como o desenvolvimento de determinadas tecnologias permitiu o aparecimento da fotografia, do cinema e da televisão, hoje computadores e tablets estão mudando não só nossa maneira de ler o mundo como a de escrever sobre ele. Novas possibilidades expressivas vêm sendo abertas a partir da criação e popularização de ferramentas narrativas voltadas para o meio digital [...] (COSTA, 2013), o que faz o jornalismo avançar numa perspectiva de interação fato/notícia/narração como não se havia previsto.

O jeito de contar histórias tem se modificado de acordo com as necessidades não só do público que busca a informação como também do meio em que essas informações são inseridas. Desse modo, pensar as narrativas midiáticas é observar o papel que elas desempenham na sociedade uma vez que ao narrar a notícia, seja para qual meio, o jornalista deve estar atento à difusão do conteúdo. E no caso da web é preciso mobilizar técnicas e criatividade não apenas para produzir relatos que se traduzam em textos objetivos, mas para aproveitar o leque de recursos disponíveis para a disseminação de informações sabendo como utilizá-los.

O papel do jornalista, tanto no espaço off line como no espaço on line, é trazer para seu público um retrato o mais próximo possível da realidade pretendida, convertendo-a em forma de notícia. No que concerne às narrativas digitais, o meio a ser explorado é a internet, plataforma que possibilita várias estratégias de difusão, permitindo ao jornalista criar narrativas e histórias que irão se propagar em vários portais de notícias, capturando a atenção dos leitores. Assim, neste texto, procuramos expor como se configura o potencial das narrativas na web que, atreladas às novas tecnologias e dispositivos, podem ser cada vez mais inovadoras modificando favoravelmente o ato de transmitir informações.

Para Gonzaga (2008), narrativas são dispositivos argumentativos que utilizamos em nossos jogos de linguagem. Assim, se tornam essenciais para as relações de convívio e aprendizagem. Trazendo esse conceito para o jornalismo é possível perceber que as narrativas midiáticas, independentemente do meio em que estão inseridas e de suas

particularidades, têm em comum o objetivo de chamar a atenção do leitor, via recursos capazes de atraí-lo para determinada história. Explica o autor:

Os discursos narrativos midiáticos se constroem através de estratégias comunicativas (atitudes organizadoras do discurso) e recorrem à operações e opções (modos) lingüísticos e extralingüísticos para realizar certas intenções e objetivos. A organização narrativa do discurso midiático, ainda que espontânea e intuitiva, não é aleatória, portanto. Realiza-se em contextos pragmáticos e políticos e produzem certos efeitos (consciente ou inconscientemente desejados). Quando o narrador configura um discurso na sua forma narrativa, ele introduz necessariamente uma força ilocutiva responsável pelos efeitos que vai gerar no seu destinatário (GONZAGA, 2008, p. 2).

De acordo com Salaverría (2005), buscamos apresentar um panorama sobre as principais características do jornalismo digital, com o propósito de entender melhor como as narrativas digitais se qualificam favorecendo a percepção das informações. Para o autor, fazer jornalismo online é atender para três pontos fundamentais: a **hipertextualidade**, **multimedialidade** e o **hipertexto**: “Porque todos hemos aprendido que un texto en internet puede ser enriquecido con diversos recursos que no estaban al alcance de los escritores hace apenas 25 años. Esas claves, ya lo hemos dicho, son tres: la hipertextualidad, la interactividad y la multimedialidad” (SALAVERRÍA, 2005, p.44).

A hipertextualidade apresenta o texto de forma não linear, ou seja, cada leitor pode seguir por um caminho diferente, através de diversos hiperlinks, permitindo a fluidez da navegação por espaços diversos, aumentando as suas informações e o seu repertório cognitivo. Já a interatividade, “é a capacidade de um sistema se comunicar com qualquer dos agentes que atuam sobre o próprio sistema e dos outros agentes” (SALAVERRÍA, 2005, p.64).

Por fim, a multimedialidade implica “Información multimedia, a aquella pieza periodística digital que se compone de elementos textuales, gráficos, sonoros o audiovisuales [...]” (SALAVERRÍA, 2005, p.55).

Contudo, essas qualidades das narrativas digitais já estavam presentes no meio impresso, apenas exploradas com menor intensidade e sem o alcance que a web possibilita, para além da linearidade

...Un diario es un medio con rasgos hipertextuales: al fin y al cabo, «enlaza» unos textos con otros (¿acaso leyendas como “sigue en página #” no cumplen la función de hipervínculos?). Un periódico también es multimedia (combina textos e imágenes) e interactivo (admite cartas al director, por ejemplo). En esencia, por tanto, un diario impreso es un medio con esos tres rasgos comunicativos. Y no es el único medio tradicional que los integra. (SALAVERRÍA, 2005, p. 36).

Desse modo, a narrativa digital, ao considerar e mobilizar esses dispositivos, pode favorecer a criação da notícia. Nesse âmbito, pretendemos abordar as particularidades das narrativas verticais para entender como elas têm se delineado ao longo dos últimos anos e como afetam o jornalismo digital.

1 A evolução das narrativas digitais: processos de adaptação ao novo

Necessário se faz entender como os processos narrativos acontecem para então compreender a complexidade e a dinâmica do ciberespaço (BERTOCCHI, 2014). As narrativas digitais vêm se delineando à medida que se adaptam as mudanças que acontecem no campo virtual. De 1995, ano em que a internet chegou ao Brasil, até hoje em 2014, o cenário se alterou: as tecnologias avançam a uma velocidade inimaginável. Como decorrência, programas que facilitam a vida dos profissionais que lidam diariamente com a internet têm surgido para inovar as práticas de informação. Assim, a construção da notícia na internet vem se modificando e se sofisticando na busca por agilidade informacional e imediatismo.

O fazer jornalístico na esfera digital tem passado por transformações, mas elencando para si elementos que já se tornaram inerentes a esse ofício, requerendo que os profissionais como também o jornalismo se reciclem para acompanhar as novas tendências: “o Periodismo Digital abrió paso a una nueva forma de hacer periodismo y de contar historias. El Periodismo Digital obligó a los periodistas a desarrollar nuevas habilidades, y a pensar en un usuario ya no local, sino global” (SALAVERRÍA, 2008, p.35).

As fases do jornalismo digital foram marcadas, inicialmente, por adaptações dos conteúdos que migraram do meio impresso (jornais e revistas) para a internet. Até o

momento vivenciamos quatro estágios desse jornalismo, iniciando um quinto estágio, do qual trataremos a seguir.

Na primeira fase, a publicação de conteúdos era apenas marcada pela ação de copiar e colar informações advindas do jornalismo impresso, ou seja, a informação não era pensada e trabalhada de acordo com as necessidades do novo meio, mas sim, “jogada” em rede, sem maior atenção com os dados e/ou formatos. Na segunda etapa, os textos começam a ser pensados para a web. Na terceira, o conteúdo passa a ser específico para a rede, onde a internet é vista com novos olhos e tendo suas potencialidades exploradas para diversos fins. Na quarta fase, alcançamos o estágio do jornalismo em Base de Dados (BDS) que, para Barbosa (2011) “é um aspecto-chave para a construção de sites jornalísticos, sob o foco de continuidades/remediações, rupturas e potencialidades. [...] As BDs conferem um padrão dinâmico para os cibermeios, em contraposição a um modelo estático, que havia marcado as etapas anteriores” (BARBOSA, 2011, p.5).

Observando-se tais aspectos, é possível distinguir as características que marcam o desenvolvimento do jornalismo digital, formado por um

Conjunto de regras e padrões das narrativas ciberjornalísticas que deve seguir três princípios: Conexão - relacionado à hipertextualidade -, Unidade (ou coesão) – relacionado à multimídia, e Liberdade aparente – relacionado à interatividade. Para a autora, a retórica ciberjornalística aplicada às narrativas digitais tem se desenvolvido de maneira mais conservadora, apesar da tentativa de equilibrar as estratégias da narrativa clássica com as possibilidades do meio digital (BARBOSA, 2014, p. 5).

Nesse sentido, a conexão para o jornalismo digital torna-se dependente das inovações inerentes ao ciberespaço. Por isso, as narrativas, ou seja, a forma de contar histórias na internet e de produzir relatos cotidianos precisa acompanhar tais inovações.

2 Entendendo as narrativas verticais – Dos modelos à prática

Configurando uma inovação na forma de apresentar notícias via web, as narrativas verticais têm sido não apenas uma novidade no ciberespaço, mas um exemplo de como os recursos multimídia (áudio, vídeo, animação, infográfico, etc.) podem ser

explorados de maneira que as histórias contadas na internet possam ter uma nova dimensão, que possibilitem ao leitor novas formas de ler a notícia, aproximando-o das informações, de modo a gerar situações de imersão nos fatos. Esse tipo de narrativa é um velho sonho dos pioneiros da internet que sonhavam em contar histórias com recursos além do texto e vídeo. Reportagens em que o internauta teria acesso à notícia e poderia interagir com ela, conhecendo suas implicações e desdobramentos.

Com a pesquisa, nosso objetivo é mostrar que é possível criar histórias fantásticas (verídicas, e não ficcionais) usando os recursos disponíveis na web que despertem o potencial criativo dos jornalistas nas redações. Assim, para que haja êxito no processo de adaptação dos recursos e pessoas para essas novas tecnologias, é preciso que haja uma mudança em como os profissionais lidam com as novas ferramentas. Contudo, é preciso admitir que a estrutura que os rodeia precisaria também estar em sintonia com esse propósito, oferecendo suportes para o desenvolvimento da função.

Filloux (2013), citado por Barbosa (2014), propõe um modelo integrado que forneceria uma boa estrutura para a elaboração dessas novas narrativas jornalísticas. O que, segundo nosso ponto de vista, ajudaria no desenvolvimento e aperfeiçoamento do jornalismo digital.

São os novos agentes que reconfiguram a produção, a publicação, a distribuição, a circulação, a recirculação, o consumo e a recepção de conteúdos jornalísticos em multiplataformas. As mídias móveis são também propulsoras de um novo ciclo de inovação, no qual surgem os produtos aplicativos jornalísticos para *tablet smartphones* (BARBOSA, 2013, p. 42).

A autora menciona ainda a convergência jornalística com um amplo potencial para ser explorado em benefício de novas narratologias no ambiente digital. Graças à convergência, a web tem sido amplamente explorada, e assim várias mídias têm sido utilizadas de maneira integrada para a narração de novas histórias, de maneiras cada vez mais avançadas e diversificadas. É isso que discute a noção de transmídia (JENKINS, 2008). Uma convergência entre mídias não só depende do trabalho desenvolvido como também do meio onde acontece, promovendo uma maior integração dos recursos voltados para a causa, que é contar histórias com o auxílio de variados recursos em nome da verossimilhança.

Observando-se o cenário atual em que as narrativas digitais estão inseridas é possível perceber que para além de narrar a notícia, é preciso saber contá-la de maneira que os elementos multimídias selecionados dialoguem entre si, agregando sentido, e não fazendo isso aleatoriamente, de maneira dispersa, onde vídeo, áudio e texto montem uma narrativa desconexa, na qual se verifique apenas uma repetição do conteúdo presente no texto escrito, para citarmos um exemplo. Na verdade, os recursos precisam complementar e agregar informação contextual, transportando o leitor para o cenário do fato.

Bertocchi (2014) defende que as mudanças no jornalismo pós-industrial precisam ser acompanhadas por modelos que nos guiem, nos ajudem a lidar com as complexidades das narrativas. É preciso acompanhar com um olhar crítico e mais aberto as mudanças que as novas tecnologias em rede promovem. Assim, a autora nos oferece um modelo teórico para delinear uma nova compreensão sobre o que seriam as narrativas digitais no século XXI.

Os paradigmas e conceitos nos levaram a defender que a narrativa digital jornalística comporta-se como um *sistema narrativo*. Colocamos a narrativa como um sistema aberto, adaptativo, complexo, uma vez que a sua sobrevivência depende da adaptabilidade de sua estrutura em relação aos demais sistemas em seu entorno, com os quais interage (BERTOCCHI, 2014, p. 5).

Esse tipo de narrativa, segundo o modelo citado, surge como uma espécie de fluxo dinâmico, interligado e contínuo

Assim, assumimos a narrativa como uma articulação de dados e metadados em formatos e com um propósito determinado. Como sistema estratificado, possui camadas interligadas. A camada do *database*, a base de dados, embora configurando-se como uma camada estrutural, não é a única que define as regras do sistema. Não será uma narrativa digital uma mera junção de camadas computacionais que juntas produzem exatamente o mesmo efeito que produziriam isoladamente (BERTOCCHI, 2014, p. 6).

Para visualizar esses aspectos, criou um esquema que explica como a teoria do sistema narrativo funciona:

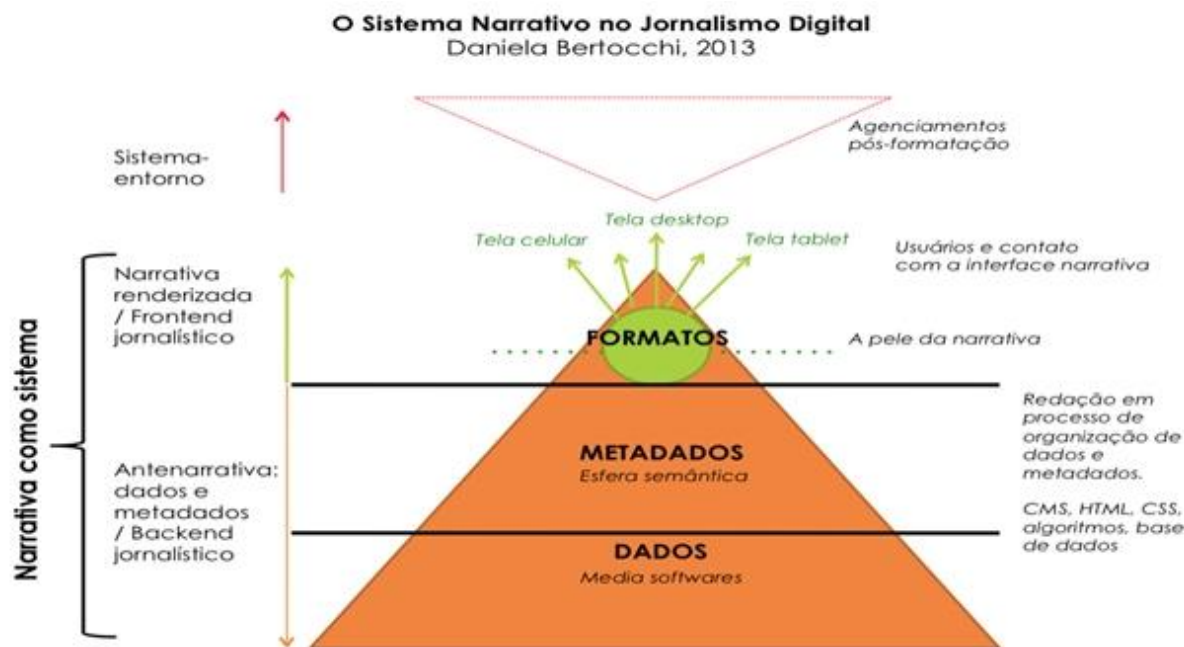


Figura 1. O sistema narrativo no jornalismo digital.

Fonte: Bertocchi (2014).

A pirâmide representa a narrativa como sistema. Nela, antenarrar é criar e manipular dados e metadados; formatar é interfacear, renderizar a narrativa, conferindo-lhe forma. O formato da narrativa revela o comportamento de todo o sistema. Observamos ainda que um gênero de texto jornalístico (notícia, reportagem, infografia, etc.) pode se desdobrar em vários formatos. O formato ganha corporeidade na interface gráfica exposta na tela, e o que se visualiza na interface dos dispositivos digitais é a pele da narrativa. (BERTOCCHI, 2014, p. 9-12).

O modelo apresenta camadas; dados, metadados e formatos (BERTOCCHI, 2014) que se articulam dentro da narrativa, onde tais elementos representam camadas a serem preenchidas para que a narrativa obtenha êxito. Caso uma não esteja devidamente articulada pode ocorrer alguma perda de sentido. Nessa perspectiva, o jornalista deve ser capaz de trabalhar a informação, estruturar a narrativa de maneira coesa para chegar a um bom resultado final. Isso só será possível desde que os elementos estejam bem articulados e produzam sentido. A articulação dos dados (forma-conteúdo-interface)

deve manter-se aberta à transformação e, por fim, o sistema narrativo é semelhante ao modelo teórico referido. Mas a narrativa digital em si se realiza em um outro sistema bastante específico: um software de mídia, um publicador. Dessa forma, o sistema narrativo não está fora de uma cultura de software: desde a antenarração (dados e metadados) até a narração final, a narrativa no jornalismo digital percorrerá uma trilha de softwares.

Essa narrativa é vista ainda como algo capaz de modelar os diferentes formatos e dispositivos a partir do trabalho que é realizado sobre ela. Com a descrição deste modelo, a autora reforça que o surgimento de novos formatos devem ser estimulados, conforme os jornalistas entendam sobre determinados sistemas narrativos. Ou seja, por mais recursos existentes, nada substitui a atividade do profissional e sua capacidade de articular os elementos das narrativas, conhecendo os seus significados e possíveis impactos diante do público leitor.

3 Elementos e estrutura das narrativas verticais

Com base nos conceitos elucidados por Salaverría (2009) e Suzana Barbosa (2014), procuramos entender como acontecem internamente as narrativas verticais em ambientes de virtualidades. Devido ao seu diferencial na forma de abordagem, mesmo o texto sendo longo, nesse tipo de narrativa, o conteúdo da informação se torna atraente graças à combinação de elementos. Vale ressaltar que nessa modalidade o texto tem um caráter literário, pois conta uma história, cujo enredo precisa ser construído para surpreender o leitor. Há um *espalhamento* (JENKINS) dos fatos pelas redes sociais, dando ao fato disseminado uma maior repercussão, à medida que as ideias contidas se expandem virtualmente e geram comentários.

A construção e a junção dos elementos ocorrem de maneira ordenada e organizada trazendo para o leitor informações adicionais e rápido entendimento ao percorrer as nuances da história. As notícias são assim divididas em camadas e capítulos, e cada uma dessas tem suas particularidades que, somadas, alcançam o objetivo principal de fomentar uma leitura agradável.

3.1 O papel do leitor no sucesso das narrativas

Dentro da narrativa, o leitor tem papel fundamental na percepção e apreensão da notícia, pois é ele quem dá visibilidade ao que lê, tornando-a assim algo que irá repercutir não só na própria rede, como também nos demais meios de comunicação.

Além de visualizar a história, ele tende a divulgá-la nas redes sociais que por si só garantem um novo fluxo e uma nova dinâmica para a notícia. De acordo com Rublescki (2012), essa dinâmica significa uma característica do jornalismo líquido, onde a ação do internauta de compartilhar e visualizar a notícia, transpõe para o texto uma possível importância agregada à popularidade das redes sociais. O fluxo informacional agora é inverso, se comparado à linearidade dos meios impressos, uma vez que o leitor acessa o link da notícia compartilhada na web e vai para o site, se desejar. Ou seja, no cenário da convergência, a notícia se desmembra em vários suportes midiáticos, gerando maior interatividade.

Além disso, as narrativas digitais têm seus próprios elementos, que contribuem para a história chegar ao leitor. Toda essa mudança se deve a participação do usuário que acessa, interage e compartilha aquela narrativa trazendo para ela ressonância e visibilidade. Segundo Barbosa (2014) são cinco os pontos explorados pelas narrativas digitais:

- 1) Mídia – compõe os elementos utilizados para produzir o pacote informativo, relacionados à criação do roteiro e suporte da narrativa;
- 2) Ação – refere-se ao movimento realizado dentro do próprio conteúdo e também ao movimento do usuário na obtenção das informações;
- 3) Relacionamento – diz respeito à forma como o conteúdo pode ser acessado, seja pela personalização ou interatividade;
- 4) Contexto – potencializado no ambiente digital pelo uso dos links que fornecem informações adicionais; e
- 5) Comunicação – relacionado à habilidade de se conectar com outras pessoas (BARBOSA, 2014, p.4).

Nesse sentido, o papel da interatividade é essencial ao processo ao permitir que o leitor participe da notícia. Isso amplia as funções da web, para além dos usos de

entretenimento ou criação de laços virtuais. Entretanto, não podemos esquecer que os meios tradicionais trazem, ainda que de forma diferenciada, a interação leitor/conteúdo, ao abrir espaço para que o público possa opinar, se comunicar por telefone, ou utilizar a dinâmica da TV via redes sociais. O diferencial da internet é que se forja um espaço mais amplo permitindo que a notícia vá além da publicação e continue em chat's, fóruns de discussão, etc. Assim, definimos o leitor como personagem importante na divulgação das notícias já que sem a sua participação não haveria ressonância e visibilidade dos fatos, ainda que a convergência trabalhe para conquistá-lo por múltiplos suportes.

4 O SnowFall e sua contribuição para o jornalismo digital

O projeto multimídia Snowfall (nevasca) foi criado em dezembro de 2012 pelo jornalista John Branch para o jornal The New York Times (CASTILHO, 2013). Trata-se de uma narrativa vertical com o objetivo de narrar a tragédia no estado de Washington, no extremo norte dos Estados Unidos, em fevereiro de 2012, que matou três dos 16 atletas profissionais que praticavam snowboard nas encostas nevadas do vale Tunnel Creek, nas montanhas Cascade. O jornal decidiu reconstituir o caso por meio de uma narrativa multimídia, usando os recursos de áudio, vídeo, animações e texto para transportar o internauta para a avalanche de neve.

Snowfall inovou ao reunir tantos recursos em uma só narrativa de maneira coesa, onde é possível distinguir uma série de elementos que definem, encantam e atraem o leitor, fato comprovado pelo número de comentários, até o momento em que este artigo foi concluído: cerca de 1155 mensagens demonstram a sua repercussão como também sucesso ao trazer o leitor para dentro da narrativa, trazendo emoção e aventura na disseminação de um caso que resultou num acidente grave.

Foram adotados recursos disponíveis na internet como o Shorthand (que está em fase beta) e o "Scroll Kit, que é uma start-up que trabalha no processo de simplificação do processo "kit de rolagem", característica inerente das narrativas verticais. No site da start-up é possível visualizar os projetos criados com a ferramenta (BARBOSA, 2014, p. 10-11). "Além disso, a página possui menu de navegação, permitindo escolher o

ponto em que vai ler a história, uma barra de rolagem (scroll), recursos de áudio, vídeo, animação, slideshow, mapas estáticos e animados”, continua a autora.

Snowfall criou um modelo que tem repercutido nos últimos dois anos como algo inovador no jornalismo, que deve servir de inspiração para transformar relatos e criar histórias cada vez melhores e diferenciadas próprias para o ambiente digital. O jornalista John Branch, na verdade, pensou em algo fantástico e até então único na produção de narrativas para web.

No que concerne a interatividade, Snowfall tem além dos botões de compartilhamento para as redes sociais Facebook e Twitter e do envio por e-mail, destacou o diálogo com a equipe idealizadora do projeto a partir de replies no espaço destinado aos comentários. Para a produção dessa narrativa houve envolvimento de dezessete profissionais, sendo onze desses direcionados apenas para os elementos gráficos e de design (BARBOSA, 2014, p. 12).

Para Malik (2013), snowfall é um exemplo espetacular do potencial para contar histórias na era digital, uma vez que é possível mudar a definição de jornalismo no novo século. Trata-se de uma das primeiras experiências de se contar verdadeiramente histórias na era pós-tablet.

Segundo Jill Abramsom, editora-executiva do The New York Times, o projeto snowfall levou meses para se materializar, mas ela vê um potencial transformador na iniciativa à medida que dela podem surgir novas ideias com o mesmo propósito, que é contar histórias na internet de maneira mais completa possível ao explorar os mais diversos recursos multimídias que ela tem a oferecer, enriquecendo assim as narrativas digitais. “Os repórteres do Times devem pensar além, tratar snowfall como um produto de mídia absolutamente novo que é especialmente criado para o mundo das telas de múltiplos dispositivos”(MALIK, 2013, p. 02).

O autor questiona o fato de que ao longo dos anos muito do conteúdo visto na web não passava de uma adaptação dos meios impressos, porém essa perspectiva vem mudando, sendo snowfall um exemplo claro dessa mudança. A tecnologia tem evoluído e com ela o pensamento daqueles que fazem notícia no ambiente digital. Ele complementa a respeito do fazer jornalístico, citando a inovação como caminho para

projetos dessa natureza: “Não sacrificamos o que há de melhor em nossa profissão, mas tomamos pela nuca, arrastamos inchado seu corpo envelhecido para o novo mundo e o reanimamos com uma injeção de adrenalina” (MALIK, 2013, p.2).

Argumenta o autor que é preciso adaptar os conteúdos aos novos meios. A era pós-tablet está aí e exige de nós adaptação e inovação constantes. O processo de transpor o conteúdo do impresso para a rede não faz mais sentido, o mundo digital está nos fornecendo uma série de recursos para fazer um bom trabalho, algo além de produzir um texto conciso e eficaz. Ressalta ainda que se o projeto for bom, os recursos e profissionais dedicados podem gerar um bom resultado, a fim de ser possível reimaginar o modelo de negócios para prestar serviços na realidade do mundo de hoje utilizando o ciberespaço, buscando fazer assim um jornalismo de profundidade e qualidade, com informações atrativas e contextualizadas.

Após a repercussão do projeto snowfall os jornalistas começaram a pensar nessa estratégia. A experiência pioneira de Brach tem aberto caminhos para que outras histórias possam ser contadas explorando vários recursos como os que ele utilizou, abrindo alternativas para outros modos de narrar o cotidiano.

A partir desse início surpreendente, muitas narrativas verticais vêm surgindo na internet em vários pontos do mundo. Recursos como vídeo, imagens estáticas e animadas, infográficos, ilustrações têm tornado a experiência do leitor mais agradável. No Brasil muitas notícias têm sido inspiradas na experiência de snowfall. A seguir, destacamos *duas* narrativas no país que, no nosso entender, demonstram o potencial dos recursos multimídias.

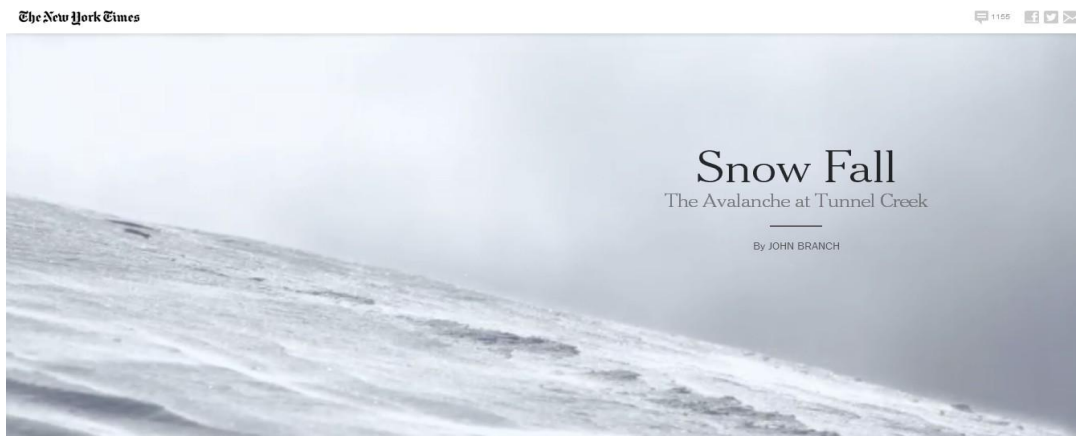


Figura 2: SnowFall: Um exemplo de sucesso
Fonte: <http://www.nytimes.com>

5 A snowfallização das narrativas brasileiras

O jornal Folha criou a série “Tudo sobre” em finais de 2013, com o objetivo de oferecer matérias completas com temas previamente escolhidos que buscam reunir vários recursos multimídias, enriquecendo as narrativas já realizadas pelo jornal na plataforma online.



Figura 3: por dentro de Guantánamo, tela inicial.
Fonte: <http://arte.folha.uol.com.br>

“Por dentro de Guantánamo” é um dos projetos. Trata-se de uma narrativa dividida em cinco seções que correspondem aos cinco dias que a equipe do jornal ficou na base especial citada no título. Por seis dias, a Folha acompanhou parte do júri de Khalid Shaikh Mohammed, considerado o mentor dos atentados de 11 de Setembro de 2001. A repórter especial Patrícia Campos Mello cobriu a trajetória. Em cada um dos cinco dias o projeto procurou explorar recursos variados. Na página inicial temos a opção de escolher qual dia desejamos visitar dentro da narrativa, no primeiro dia, logo no início da página, temos os botões de compartilhamento e interação para as redes sociais, seguidos pelo texto de apresentação que introduz a matéria, com slideshows de imagens, mapa interativo e vídeo, com a finalidade de situar o leitor nas informações preliminares rumo aos desdobramentos factuais.

No segundo dia, observamos a abertura com uma ilustração, seguida por texto, mapa interativo, além de um slideshow mostrando o antes e depois de Manhattan com os atentados terroristas. Segue mais texto e em seguida um mapa interativo, no qual é possível identificar passo a passo como ocorreram os ataques. Vemos uma imagem estática e um vídeo informativo da TV Folha, mostrando as instalações de Guantánamo. Nos próximos três dias, a narrativa continua com desenhos e animações que reforçam a narrativa, agregando dinamicidade e interatividade. “Em cada nível, a navegação é realizada pela barra de rolagem e não há links nos textos. Verificamos também que não há qualquer tipo de publicidade” (BARBOSA, 2014, p.12).

A informação prevalece, ao mesmo tempo em que se pretende mobilizar recursos multimídia que correspondem a dois vídeos, quarenta e duas imagens, dois infográficos interativos, sete desenhos e animações, além de um mapa interativo. A narrativa foi dividida em cinco seções (equivalente aos cinco dias) e em cada um deles podemos ver unidades que se integram auxiliadas pelos recursos utilizados. Assim, podemos perceber que para além de uma agradável visualização, “Por dentro de Guantánamo” é uma narrativa que obtém sucesso ao interpor os elementos de maneira a valorizar o texto e reforçar seu conteúdo.

O portal G1 também tem participado do processo de snowfallização brasileira. A matéria “Guerra na Selva” acompanhou, em Manaus, o treinamento considerado o mais

difícil e controverso do Exército Brasileiro, que prepara militares de todos os continentes para combates em florestas.



Figura 4: “Guerra na selva”, tela inicial.

Fonte: <http://g1.globo.com/am/amazonas/guerra-na-selva/platb/>

Já na tela inicial percebemos o diferencial da narrativa: na parte superior temos o menu de navegação, onde o leitor pode escolher qual seção deseja visualizar primeiro. Através do kit de rolagem, a tela desce verticalmente através da narrativa, facilitando a busca de dados. As etapas do treinamento, como funcionam, depoimentos são disponibilizados na tela, permitindo que o leitor se aproxime dos fatos e interaja com as informações.

Vários recursos foram utilizados nessa narrativa: mapa estático mostrando as localizações do treinamento, foto-reportagem, hiperlink para a galeria de fotos, infográficos, vídeos, animação, linha do tempo, mapas, infográfico interativo, desenhos ilustrativos. Todos esses recursos somados exemplificam não só mais uma narrativa verticalizada, como também demonstram as potencialidades desse gênero para ampliar a interatividade do jornalismo digital, proporcionando ao leitor uma informação ágil e dinâmica.

Considerações finais

As vantagens podem ser muitas, mas é preciso evidenciar que esse tipo de narrativa também tem suas limitações. Os recursos apresentados por snowfall não se adequam a matérias de caráter factual necessitam de tempo para elaboração. Devido aos recursos utilizados e o número de profissionais envolvidos nesse trabalho, entendemos que uma matéria factual não se encaixa nesse tipo de narrativa, pois se trata de um texto que requer tempo e dedicação, elementos adequados às matérias frias, às reportagens especiais. Apesar disso, enxergamos em Snowfall um exemplo de trabalho jornalístico promissor e uma perspectiva de narrar histórias com criatividade.

Assim, nosso objetivo neste texto foi mostrar que é possível criar histórias fantásticas usando os recursos multimídia disponíveis na web. Nesse sentido, Snowfall ajuda a termos uma nova visão sobre as potencialidades da internet, um meio de comunicação interativo, envolvente, que se renova a cada dia, sempre oferecendo algo novo para explorar e aprender. Essas narrativas multimídia se enquadram no processo de transformação jornalística descrita por Barbosa (2014) como inovadora “[...] tendo em vista a mudança, sobretudo, na utilização de técnicas e linguagens na composição do produto e na dinâmica do processo produtivo, com a integração da equipe de diversos setores da redação” (BARBOSA, 2014, p.17).

Desse modo, acreditamos que snowfall pode ser vista como uma ferramenta promissora na arte de narrar histórias online, a fim de capturar a atenção dos leitores num ambiente propenso a dispersões. Talvez essa característica esboce o futuro do jornalismo em padrões de plataforma convergente e interativa, o que nos impulsiona a continuar pesquisando sobre o tema das narrativas jornalísticas verticais.

Referências

BARBOSA, Suzana. **Produção horizontal e narrativas verticais:** novos padrões para as narrativas jornalísticas. Trabalho apresentado ao Grupo de trabalho estudos de jornalismo do XXIII Encontro Anual da Compós, na Universidade Federal do Pará, Belém, de 27 a 30 de maio de 2014.

BERTOCCHI, Daniela. **Dos dados aos formatos: um modelo teórico para o desenho do sistema narrativo no jornalismo digital.** Tese (Doutorado) – Escola de Comunicações e Artes, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2013.

CASTILHO, Carlos. **Efeito ‘snowfall’ abre oportunidades para o jornalismo multimídia.** Observatório da Imprensa, 2013. Disponível em:

<http://www.observatoriodaimprensa.com.br/posts/view/o_efeito_ldquo_snowfall_rduo_abre_nova_oportunidade_para_o_jornalismo_multimidia> Acesso em: 5 maio. 2014.

COSTA, Cristiane. **Novas estratégias narrativas nos meios digitais.** São Paulo, 2013. Disponível em:

<<http://www.cultura.rj.gov.br/artigos/novas-estrategias-narrativas-nos-meios-digitais>>. Acesso em: 15 maio. 2014.

JENKINS, H. **Cultura da convergência.** São Paulo: Aleph, 2008.

MALIK, Om. **O projeto ‘Snow Fall’ e a o futuro do jornalismo, 2013.** Disponível em:

<http://www.observatoriodaimprensa.com.br/news/view/_ed746_o_projeto_snow_fall_e_a_o_futuro_do_jornalismo> Acesso em: 6 maio. 2014.

SALAVERRÍA, R; GARCIA, AVILÉS, J.A.: MASIP. P.M. “Concepto de convergencia periodísta”. In: LÓPEZ GARCIA, X; PEREIRA FARINA, X. MOTA, Gonzaga Luiz. **A Análise pragmática da narrativa jornalística.** Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação, Rio de Janeiro, 2005.